



RELISE

POR UMA SALA DE AULA MAIS INTERESSANTE! SENÃO FOR ISSO O QUE SERÁ? A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA ABRINDO PORTAS PARA O FUTURO DA EDUCAÇÃO E DA ECONOMIA¹

Daiane Martins Teixeira²

Juliana Moreira Santos³

Gustavo Passos Fortes⁴

RESUMO

A sociedade atualmente vivencia mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais constantes, e assim como os demais setores da sociedade, a educação também é impactada com essas transformações. Sendo assim, surge a necessidade emergente do ensino superior no Brasil sair do modelo tradicional em detrimento de modelos de ensino e aprendizagem inovadores. Nesse cenário, surge a educação empreendedora como uma metodologia ativa para ensinar empreendedorismo. O objetivo da pesquisa é apresentar a educação empreendedora como alternativa inovadora no ensino do empreendedorismo no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – UNIFESSPA. O estudo caracterizou-se como qualitativo, descritivo, além de ser uma pesquisa aplicada, apresentada em formato de relato técnico de um projeto de ensino do empreendedorismo. Os resultados foram discutidos à luz de sete dinâmicas ativas, a saber: Empreendedorismo ao pé da letra; Aprendendo com quem está empreendendo; Autonomia intelectual em construção; Mergulhando na ciência do empreendedorismo; Potencializando o conhecimento na prática; Aprendendo a empreender e Empreendedor em ação. Os resultados foram satisfatórios e estimulantes, não se restringindo somente aos conceitos, mas impactando positivamente na formação profissional do aluno e desenvolvendo competências e habilidades empreendedoras.

Palavras-chave: Educação empreendedora; Metodologias ativas; Empreendedorismo.

¹ Recebido em 27/10/2018.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. daianemartinsteixeira@outlook.com

³ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. julianamoreirasanto@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. gustavo_fortes@yahoo.com.br



RELISE

140

ABSTRACT

Society is currently experiencing constant cultural, political, economic and social changes, and as in other sectors of society, education is also impacted by these transformations. Thus, the emergent need of higher education in Brazil emerges from the traditional model to the detriment of innovative teaching and learning models. In this scenario, entrepreneurship education emerges as an active methodology for teaching entrepreneurship. The objective of the research is to present entrepreneurship education as an innovative alternative in the teaching of entrepreneurship at the Institute of Applied Social Sciences - UNIFESSPA. The study was characterized as qualitative, descriptive, in addition to being an applied research, presented in a technical report format of an entrepreneurship teaching project. The results were discussed in the light of seven active dynamics, namely: Entrepreneurship to the letter; Learning from whom you are undertaking; Intellectual autonomy under construction; Dive into the science of entrepreneurship; Potential knowledge in practice; Learning to undertake and Entrepreneur in action. The results were satisfactory and stimulating, not only restricting to concepts but positively impacting the student's professional development and developing entrepreneurial skills and abilities.

Keywords: Entrepreneurial education; Active methodologies; Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

De acordo com Henrique e Cunha (2008), uma das maiores deficiências das Instituições de Ensino Superior é não capacitar o aluno para atuar no mercado trabalho. Os autores explicam que há uma dissonância da vivência dos alunos com a realidade da profissão. Diante dessa perspectiva, surge a necessidade de adequar o método de ensino de forma a privilegiar o desenvolvimento de competências profissionais, introduzindo cada vez a realidade profissional dentro da academia.

Face o exposto, a educação empreendedora pode ser visualizada como uma alternativa viável para essa dificuldade, pois além de desenvolver o potencial empreendedor do aluno (DOLABELA; FILION, 2013), intensifica o número de jovens inovadores, proativos, com iniciativa para atuarem em grandes organizações ou criarem seu próprio negócio. Independente da



RELISE

condição, o impacto é positivo nos contextos socioeconômicos (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010; LIMA *et. al.*, 2014).

No entanto, para que essa prática torne-se uma realidade, as universidades necessitam adequar o seu método de ensino, adotando o empreendedorismo não mais como uma disciplina isolada, mas transmitindo-a como um conjunto de ações integradas, interdisciplinares, harmonizadas e transversais (MENDES, 2011; TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014; SCHAEFER; MINELLO, 2016). Para isso, é necessário também que os professores estejam preparados para aplicar as metodologias específicas e que possuam posturas empreendedoras (RUSKOVAARA; HAMALAINEN; PIHKALA, 2016). Sendo assim, para os autores, os professores devem desenvolver atividades que proporcionem a interação, o compartilhamento de conhecimentos e estimulem a criatividade e as competências empreendedoras dos alunos.

Com base no exposto, a presente pesquisa tem o objetivo de apresentar a educação empreendedora como alternativa inovadora no ensino do empreendedorismo no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – UNIFESSPA. Não obstante, o presente estudo é contundente de ser analisado, pois, segundo a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD (2015) e Lima *et. al.* (2015), a educação empreendedora tem sido relevante para o desenvolvimento de diversos países do mundo, tornando-se uma temática prioritária nas agendas e debates políticos, econômicos e acadêmicos.

No que tange aos aspectos metodológicos utilizados, trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, aplicada por meio de apresentação de relato técnico de um projeto de ensino do empreendedorismo aos alunos do terceiro semestre de Administração e Ciências Contábeis.



RELISE

142

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo trata da abordagem teórica referente às seguintes temáticas: Educação Empreendedora; Métodos de Ensino do Empreendedorismo e Ciclo de Aprendizagem Vivencial.

Educação Empreendedora

O empreendedorismo tem-se revelado um destaque nas políticas econômicas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (BAGGIO; BAGGIO, 2015). Isso se dá ao fato do termo empreendedor referenciar o indivíduo que possui capacidade diferenciada e inovadora de organizar, administrar e executar (DRUZIAN *et al.*, 2017). Desse modo, o empreendedor pode ser definido como um ser sagaz, que realiza coisas correndo riscos calculados, antecipa-se aos acontecimentos e tem uma visão do futuro, além de saber tomar decisões, explorar as oportunidades, ser determinado, dedicado, otimista, apaixonado pelo que faz e que cria valor para a sociedade, dentre outros atributos (DOLABELA, 2006; DORNELAS, 2017).

Os empreendedores são atores sociais que criam valor e transformam um “material” em um “recurso”, ou uma combinação de recursos que já existem em uma nova e mais produtiva composição (DRUCKER, 2017). Isto posto, compreende-se que o empreendedorismo é um fenômeno que ocupa papel de destaque na sociedade, esse fator reforça a importância de atividades empreendedoras em todos os contextos possíveis.

Emerge então a necessidade de despertar o empreendedorismo no público jovem, por meio de ambientes de ensino distintos, tais como: escolas, cursos profissionalizantes e de graduação, com a finalidade de possibilitar aos estudantes uma melhor compreensão acerca do que é ser empreendedor e, sobretudo motivá-los a praticar o empreendedorismo mediante a educação empreendedora (DRUZIAN *et al.*, 2017).



RELISE

143

A sociedade tem vivenciado transformações constantes, por isso faz-se oportuno dispor da educação como um mecanismo importante para o desenvolvimento de cidadãos críticos, inovadores e proativos, junto insere-se o empreendedorismo como fonte de transformação social, sustentação econômica e desenvolvimento regional. Nesse sentido, ensinar para uma educação empreendedora consiste em um paradigma a ser encarado atualmente pelos educadores, já que as abordagens atuais da educação para o empreendedorismo são baseadas em um modelo linear (NECK; GREENE, 2011; DRUZIAN *et al.*, 2017).

Druzian *et al.* (2017) compreendem o empreendedorismo sob a ótica da criação de novas oportunidades e a execução em ambientes imprevisíveis e desconhecidos. Dessa forma, autores como Dornelas (2017), Yusoff, Zainol, e Ibrahim (2015) e Silva e Pena (2017) afirmam que as habilidades empreendedoras podem ser repassadas, ensinadas e absorvidas por qualquer indivíduo. Esse pensamento afasta o entendimento de que o empreendedorismo é uma característica inata ao indivíduo (SILVA; PENA, 2017).

De acordo com esse entendimento, Sarasvathy e Venkataraman (2011), Neck e Greene (2011) e Silva, Mancebo e Mariano (2017) refutam o modelo de ensino do empreendedor como processo, já que esse é previsível e o empreendedorismo não. Os autores propõem um arranjo abrangente para ensinar empreendedorismo, que exigirá inúmeras e distintas abordagens de ensino e aprendizagem por meio de metodologias ativas que requerem um método. Nesse contexto surge a educação empreendedora suscetível de ser ensinada e aprendida, consistindo em um campo emergente na literatura científica (VIEIRA *et al.*, 2013).

À vista disso, torna-se importante destacar que por vários anos o ensino do empreendedorismo foi considerado uma subárea no campo da



RELISE

144

administração (HENRY; HILL; LEITH, 2005). Decerto, isso pode ser explicado por Schaefer e Minello (2016), expondo que, tradicionalmente, os sistemas educacionais eram criados e programados para capacitarem pessoas que pudessem ocupar vagas em grandes organizações. Em consequência desse sistema, as pessoas acostumaram-se a ser educadas para tornaram-se empregadas, e incentivar o empreendedorismo neste contexto é, certamente, um processo de resistências a mudanças (MALACARNE; BRUSTEIN; BRITO, 2014).

Ademais, segundo Lorentz (2015), as universidades promovem o empreendedorismo de forma isolada, focando exclusivamente na administração de negócios e tecnologia. Outros autores como Mendes (2011) e Tschá e Cruz Neto (2014) complementam afirmando que essa disciplina não deve ser ensinada de forma isolada, mas sim transmitida como um conjunto de ações por meio das quais os alunos serão orientados a ampliar suas próprias ideias. Dessa forma, para que as universidades tenham êxito na formação empreendedora, é de suma importância canalizar esforços para que esse ensino possa ser transmitido de forma integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Com base nisso, compreende-se que a educação empreendedora é distinta do ensino tradicional por priorizar mais a atividade do próprio aluno, em um modelo experiencial, prático e contextualizado no mundo real, estimulando a imaginação e a análise, preparando-o para que possa superar os desafios que fazem parte do processo empreendedor (LOPES, 2010). Além disso, ressalta-se que na educação empreendedora, o professor exerce a função de catalisador e facilitador, estimulando os alunos a aprenderem a aprender, a aprenderem a pensar como empreendedores (DOLABELA, FILION, 2013).

Diante disso, considera-se que a educação empreendedora necessita ser compreendida como método e não apenas como um processo. E será com



RELISE

145

base na visão do sujeito empreendedor como sendo sujeito da ação, que a educação empreendedora alcançará espaço de relevância acadêmica, social e econômica (SILVA; MANCEBO; MARIANO, 2017).

Sendo assim, os estudos de Neck e Greene (2011), Sarasvathy e Venkataraman (2011) e Silva, Mancebo e Mariano (2017) revelaram que o método de aprendizagem com ênfase no empreendedor é dependente de pessoas, mas não depende de um tipo de pessoa. Ensinar empreendedorismo vai além da compreensão, conhecimento e conversação, exige o uso, a aplicação e a atuação metodológica interativa entre os envolvidos. Portanto, a educação empreendedora requer o alinhamento entre a teoria e a prática com o intuito de despertar atitudes empreendedoras nos alunos.

Métodos de Ensino do Empreendedorismo

Com relação às metodologias de ensino, com foco na área da educação, a discussão sobre métodos de ensino precisa ser pautada na realidade histórica (LACANALLO *et al.*, 2007), ou seja, nos processos educativos contemporâneos que têm influências das transformações econômicas, políticas, científicas e tecnológicas (CARDOSO, 2017). Assim, a partir dos anos 70, já se propunha uma mudança do papel do professor, tal como Skinner (1972) começa a incentivar o uso de recursos audiovisuais que poderiam poupar tempo do professor. O autor afirma que o docente deve ser focado em incrementar sua didática, produzir materiais e buscar eficiência do aprendizado dos alunos.

A literatura sobre a educação empreendedora considera que a educação clássica utiliza preceitos tradicionais que limitam a criatividade e o comportamento dos estudantes, sendo assim, há urgência em aplicar metodologias alternativas pautadas na prática e experimentação que aumentem a propensão dos alunos para empreender (LOPES, 2010; NECK,



RELISE

146

GREENE; BRUSH, 2014; LIMA *et al.*, 2015; SCHAEFER; MINELLO, 2016; KRAKAUER; SANTOS, ALMEIDA, 2016; SILVA; MANCEBO; MARIANO, 2017). Nesse sentido, Ismail, Sawang e Zolin (2018) afirmam que o ensino do empreendedorismo deve se valer de uma pedagogia com metodologias focadas no aluno envolvendo a aprendizagem experiencial no fazer.

Desde os anos 80, Kolb (1984) já propunha o modelo de aprendizagem experiencial, onde o conhecimento é criado através da transformação da experiência. Assim, Politis (2005) desenvolveu um modelo do processo de aprendizagem empreendedora que considera uma relação direta entre uma experiência pessoal e o conhecimento proveniente desta experiência. De forma complementar, Holcomb *et al.* (2009), além de reafirmar a importância da aprendizagem por meio da experiência, indica que o processo de aprendizagem para o empreendedorismo deve ser pautado em metodologias de aprendizagem indireta por meio da observação da experiência dos outros, a denominada *vicarious learning*. Essa nova perspectiva sugere a aplicação de metodologias ativas alinhadas à troca de experiências dos participantes e observação de suas reflexões, reforçando a importância do uso de dinâmicas e simulações em grupo.

Lima *et al.* (2014) apontam recomendações práticas ao ensino do empreendedorismo que visam romper com os tradicionais modelos de ensino, promovendo a interdisciplinaridade, valorizando a experiência prática dos docentes, equilibrando a teoria e a prática e privilegiando o desenvolvimento de competências empreendedoras. De forma geral, a educação empreendedora deve ser focada em ensinar a empreender e não mais ensinar o que é o empreendedorismo (RIDEOUT; GRAY, 2013; LIMA *et al.*, 2014; SALUSSE; ANDREASSI, 2016; KRAKAUER; SANTOS, ALMEIDA, 2016).

Para ensinar de fato a empreender, é importante que os professores estejam preparados para aplicar as metodologias específicas e possuam



RELISE

147

posturas empreendedoras (RUSKOVAARA; HAMALAINEN; PIHKALA, 2016). Assim, em função da baixa aplicação das metodologias de ensino voltadas para o empreender, Salusse e Andreassi (2016), fundamentados na teoria do *effectuation* de Sarasvathy (2001), identificaram metodologias de ensino emergentes. Sendo assim, o empreendedor inicia a criação do negócio apenas com sua ideia e utiliza os recursos que possui para interagir com potenciais parceiros, agindo sobre aspectos que possam influenciar a construção do negócio (SARASVATHY, 2001). Em outras palavras, a lógica entende que o fazer empreendedor vai sendo formado à medida que o aluno avança na construção da sua ideia de negócio (RIDEOUT; GRAY, 2013; SALUSSE; ANDREASSI, 2016).

Por fim, constata-se que as metodologias emergentes utilizam técnicas como a modelagem de negócios de Osterwalder e Pigneur (2010) e desenvolvimento de clientes de Blank e Dorf (2012), dando suporte ao exercício e experimentação de elementos na lógica *effectual*, buscando incrementar uma rede de relacionamentos e desenvolvimento de habilidades para aplicação no mundo real (SALUSSE; ANDREASSI, 2016). Assim, complementa-se a importância da utilização de metodologias ativas, simulações empresariais, dinâmicas de grupos e construção de negócios reais, promovendo a troca de experiências entre os participantes (LIMA *et al.*, 2015; SALUSSE; ANDREASSI, 2016; SILVA; MANCEBO; MARIANO, 2017; ISMAIL, SAWANG; ZOLIN, 2018).

Ciclo de Aprendizagem Vivencial

Há um pensamento comum que o empreendedor nasce pronto, ou seja, aqueles que não são empreendedores natos, certamente não conseguirão empreender ou alcançar o sucesso no meio empresarial. Este pensamento é consequência da teoria inatista, segundo a qual o conhecimento



RELISE

148

é inato, além disso, a mesma impactou profundamente na sociedade brasileira, postulando o entendimento de que as pessoas nascem com dom para empreender (BIZZOTTO; DALFOVO, 2001).

Contestando as teorias inatistas, os behavioristas afirmaram que qualquer pessoa poderia aprender a empreender, não dependendo exclusivamente de um “dom”. Por esse ponto de vista, percebeu-se que é possível ensinar o empreendedorismo e, para esse contexto, deixa de existir o ensino apenas como repasse de conteúdos e surge o aprendizado com a construção do conhecimento, pelo qual os alunos irão aprender por meio da interação com o professor (BIZZOTTO; DALFOVO, 2001).

Face ao exposto, torna-se plausível relatar acerca do Ciclo de Aprendizagem Vivencial (CAV), que revela-se como um método que proporciona a interação e compartilhamento de conhecimentos entre os participantes, tornando-os aptos ao desenvolvimento sistemático e possível de um raciocínio sobre determinada atividade, na qual o aprendizado torna-se efetivo e por consequência, modifica comportamentos (ALVES *et al.*, 2016). Os autores acrescentam também que o CAV incentiva os participantes a se integrarem no processo de solução de um problema, desafio ou atividade. Essa integração resulta em um processo de ensino-aprendizagem no qual o saber é construído a partir das vivências práticas dos envolvidos na atividade (ALVES *etal.*, 2016).

Segundo o SEBRAE (2016), o CAV contém etapas fundamentais para facilitar o aprendizado relacionado ao Empreendedorismo. Além disso, as atividades vivenciais propostas pelo método podem ser as dramatizações, jogos de empresas, desafios de resolução de problema, entre outras. Contudo, cabe ressaltar que essas atividades proporcionam mais que entretenimento, elas devem ser visualizadas como uma oportunidade, pois possuem potencial para estimular o desenvolvimento de competências empreendedoras. Para a



RELISE

149

aplicação do CAV, faz-se necessário os participantes envolverem em suas etapas que são: vivência; relato, processamento; generalização e aplicação (Quadro 1).

Quadro 1 - Ciclo de Aprendizagem Vivencial

Ciclo de Aprendizagem Vivencial – CAV	
Vivência	Orientar e proporcionar a vivência de forma que todos os integrantes do grupo possam envolver-se;
Relato	Viabilizar o compartilhamento de sentimentos, reações e observações iniciais sobre a vivência realizada;
Processamento	Estimular a discussão sobre os padrões de desempenho, de realização e de interação estabelecidos entre os participantes durante a vivência, visando propiciar a capacidade de análise e compreensão do que foi vivido;
Generalização	Verificar e relacionar o que ocorreu durante a vivência com a própria realidade, com o papel profissional ou social que está sendo discutido;
Aplicação	Estimular a reflexão e definição de comportamentos mais eficazes que podem ser colocados em prática do dia a dia, a partir do aprendizado com a vivência realizada. É a oportunidade do comprometimento com a aprendizagem no cotidiano, com a disposição de colocar em prática o que foi compreendido.

Fonte: Elaborado pelos autores com base no Sebrae (2016).

Percebe-se que o método CAV é uma excelente oportunidade para os discentes do curso de Administração desenvolverem habilidades empreendedoras, já que, nesse curso existe um grande afastamento entre teoria e prática, permitindo ao aluno cursar toda a graduação sem praticabilidade do conteúdo aprendido em sala de aula (ARAUJO *et al.*, 2014; GUIMARÃES, 2015).

Decerto, a educação superior é capaz de tornar-se parte integrante na formação do empreendedor, e as Instituições de Ensino Superior possuem papel primordial neste processo, podendo estimular a atividade empreendedora, haja vista que as mesmas possuem capacidade de impactar positivamente não restritamente na educação, mas também na economia, sociedade e política (VANEVENHOVEN, 2013).

Desse modo, o CAV torna-se um método complementar da educação empreendedora, pois, considerando as afirmações do autor Vanevenhoven (2013), o empreendedorismo é um processo dinâmico, complexo, multifacetado



RELISE

150

que relaciona os ecossistemas e emerge a temática entre políticos, educadores e praticantes. Para tanto, é de responsabilidade dos educadores estimularem o pensamento e as competências empreendedoras nos alunos, para que eles consigam identificar e aproveitar as oportunidades no tempo certo e pelo motivo certo, destacando-se em ambientes incertos (NECK; GREENE, 2011).

DESENVOLVIMENTO E METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva ao buscar retratar e descrever as características do projeto aplicado, considerando a profundidade dos dados, a subjetividade do pesquisador e a exploração dos fatores envolvidos (NEUMAN, 1997).

Considera-se também, como uma pesquisa aplicada, por meio de apresentação de relato técnico de um projeto de ensino do empreendedorismo. Um dos objetivos das pesquisas aplicadas é elevar o conhecimento prescritivo, voltados para a solução de problemas práticos. Dessa forma, o conhecimento é desenvolvido sobre o que é relevante para solucionar as dificuldades no campo de pesquisa (BIANCOLINO *et al.*, 2012). Já o formato de relato técnico considera as colocações de Biancolino *et al.* (2012) pois trata-se do produto de um trabalho de intervenção em um contexto específico que descreve a experiência do ensino do empreendedorismo em sala de aula. Os autores reforçam ainda que tal formato, apesar de possuir diferenças claras quanto ao artigo científico tradicional, deve ser escrito com o mesmo rigor científico e metodológico.

O presente trabalho relata o projeto de ensino de educação empreendedora, contando com a aplicação de metodologias ativas no ensino do empreendedorismo na graduação em Administração e Ciências Contábeis do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). As metodologias adotadas no projeto foram



RELISE

151

aplicadas em disciplinas regulares de empreendedorismo, com alunos do 3º semestre de administração e contabilidade, com a participação direta e interdisciplinar de alunos do 8º semestre matriculados na disciplina de Tópicos especiais em administração. O Quadro 2 apresenta o quantitativo de alunos envolvidos no projeto de ensino por curso e disciplina.

Quadro 2 – Quantitativo de alunos envolvidos por curso e disciplinas,

Disciplina	Curso	Quantidade de alunos envolvidos
Empreendedorismo	Ciências Contábeis	32
Gestão Empreendedora	Administração	31
Tópicos em Administração	Administração	22
Total		85

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

As metodologias utilizadas durante as disciplinas de empreendedorismo e gestão empreendedora foram baseadas no Programa de Educação Empreendedora SEBRAE, construído pelo Centro de Referência em Educação Empreendedora do SEBRAE. Tais metodologias promovem o aprendizado dos alunos por meio da experimentação e chamado à ação, com a utilização do Ciclo de Aprendizagem Vivencial (SEBRAE, 2016).

De forma complementar, como proposta interdisciplinar, visando facilitar o aprendizado da interação dos alunos, foi proposto aos alunos do 8º semestre a participação em um programa de *Mentoring*. Tal programa teve a proposta de colocar cada um dos alunos formandos no papel de mentor das equipes na construção e desenvolvimento dos planos de negócios. Essa atividade possibilitou a interação, o *networking* e o aprendizado prático tanto do mentor quanto do mentorado.

DISCUSSÕES E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentadas as discussões sobre atividades desenvolvidas na disciplina de empreendedorismo sob a ótica da educação empreendedora. O Quadro 3 apresenta, detalhadamente, os métodos de ensino

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 3, n. especial, p. 139-163, dez, 2018
ISSN: 2448-2889



RELISE

152

e aprendizagem utilizados, bem como seus objetivos nas abordagens distintas de metodologias ativas.

Quadro 3- Aprendendo empreendedorismo de maneira integrada

Atividades Desenvolvidas na Disciplina de Empreendedorismo		
Dinâmicas	Método	Objetivos
Empreendedorismo ao pé da letra	Pesquisa sobre os teóricos do empreendedorismo.	Promover debate em sala de aula; estimular o conhecimento literário; Construção da habilidade de aprender coletivamente.
Aprendendo com quem está empreendendo	Entrevista com empreendedor	Promover pensamento crítico e habilidade de avaliação; estimular a comunicação; envolvimento com o ambiente externo; desenvolver visão de mercado.
Autonomia intelectual em construção	Atividades em sala	Aplicar metodologias ativas e dinâmicas; Transferência de conhecimento sobre o desenvolvimento de competências e comportamentos empreendedores;
Mergulhando na ciência do empreendedorismo	Resenha temática e crítica	Estimular a leitura crítica e sistêmica; proporcionar autonomia na escolha das subtemáticas do empreendedorismo; Desenvolver a habilidade de pesquisar e escrever.
Potencializado o conhecimento na prática	CANVAS / <i>Pitch</i>	Estimular a criatividade; desenvolver habilidades de planejar, organizar, agir e executar;
Aprendendo a empreender	Construção do Plano de negócios	Explorar a interdisciplinaridade; estimular o comportamento empreendedor; aproximar a teoria à prática; Estimular a abertura de empresas.
Empreendedor em ação	I Feira de Negócios do ICSA	Instigar a criatividade, a persuasão; proporcionar autonomia e habilidade liderança.

Fonte: Elaborados pelos autores (2018).

Empreendedorismo ao pé da letra: essa etapa, foi o ponto de partida para o desencadeamento do ensino e aprendizagem por meio de metodologias ativas, na disciplina de empreendedorismo, oferecida no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) - UNIFESSPA, aos alunos dos cursos de bacharelado de Administração e Ciências Contábeis.

Nesta fase, as turmas foram divididas em grupos. Cada grupo realizou pesquisas sobre os principais teóricos do empreendedorismo. Em seguida, cada equipe ficou responsável por trazer para sala de aula, as principais contribuições teóricas e histórico dos autores referente à temática estudada.



RELISE

153

Subsequente, alunos e professor construíram uma linha do tempo sobre o pensamento do empreendedorismo. Para finalizar, houve uma roda de conversa na qual os alunos expunham suas percepções e conhecimentos adquiridos.

Essa ação proporcionou aos discentes uma troca simultânea de conhecimentos, além de ampliarem suas próprias ideias, despertando-os para uma visão crítica sobre o assunto. Tal atividade corrobora com as pesquisas de Mendes (2011), Tschá e Cruz Neto (2014) nas quais afirmaram que a disciplina de empreendedorismo não deve ser ensinada de forma isolada e sim, transmitida por meio de ações conjuntas, que proporcionem interação entre os alunos.

Aprendendo com quem está empreendendo: Nesta etapa os alunos foram a campo em busca de observar e coletar dados referentes ao fenômeno pesquisado. Cada equipe ficou incumbida de realizar a prospecção e entrevista com um empreendedor de sucesso da região.

A coleta de dados se deu por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, e possibilitou aos alunos uma visão sistêmica sobre as nuances de empreender com sucesso. É pertinente destacar, que esta etapa não priorizou apenas atividades dos discentes, envolveu também agentes externos à universidade, mediante um modelo experiencial do contexto real, no qual os alunos puderam ter acesso sobre os desafios que fazem parte do processo empreendedor, além de estimulá-los a imaginar como é empreender na prática, conforme apregoado por Lopes (2010).

Para finalizar a etapa, cada grupo apresentou de forma oral seu *case* de sucesso. A apresentação foi livre, ficando a critério da equipe a escolha da melhor forma para expor as informações coletadas em campo.

Autonomia intelectual em construção: Nesta etapa, os alunos foram protagonistas do seu aprendizado e o professor atuou como catalisador e



RELISE

154

facilitador do processo de ensinar. Assim sendo, os alunos aprenderam a aprender e a pensar como empreendedores, sustentando os estudos de Dolabela e Fillion (2013) a respeito da educação empreendedora.

Primeiramente, com o intuito de ampliar as habilidades empreendedoras dos alunos, foram implementadas metodologias ativas, dinâmicas e atividades específicas sobre o desenvolvimento de competências e comportamentos empreendedores. Em seguida, utilizou-se o método - Ciclo de Aprendizagem Vivencial (CAV), com a finalidade de promover interação e mudar o comportamento dos envolvidos. O método contemplou atividades e testes sobre o significado das competências e comportamento dos empreendedores, bem como as possibilidades de desenvolvimento dessas competências. Desse modo, o conhecimento foi construído em decorrência das vivências práticas dos envolvidos nas atividades, constatando os estudos de Alves *et al.* (2016).

Esta etapa revelou uma alternativa inovadora no processo de ensino e aprendizagem em detrimento do ensino tradicional, já que, segundo as pesquisas de Neck e Greene, (2011), Sarasvathy e Venkataraman (2011) e Silva, Mancebo e Mariano (2017), o ensino do empreendedorismo requer o uso e aplicação de metodologias interativas, com atividades em sala de aula que estimulam a autonomia intelectual dos alunos.

Mergulhando na ciência do empreendedorismo: nesta etapa, foi solicitada aos alunos a construção de uma resenha sobre uma das temáticas do empreendedorismo e pequenas empresas. Cada aluno escolheu uma temática e desenvolveu a resenha com base em três artigos sobre o tema.

Deve-se considerar que essa atividade além de estimular o conhecimento empírico e literário, proporcionou autonomia na escolha do tema a ser trabalhado, além da oportunidade em produzir conhecimento canalizado no que realmente o atrai, despertando o lado crítico, como também a



RELISE

155

habilidade de pesquisar e dissertar. Esse método concerne com os recursos e métodos apontados pelos autores Rocha e Freitas (2014), pelo qual eles afirmam que os trabalhos teóricos individuais permitem o desenvolvimento de conhecimento por meio da autoaprendizagem.

Potencializado o conhecimento na prática: nesta etapa, foi proposto a construção e validação da ideia de negócio em formato de modelagem de negócios CANVAS na metodologia *Business Model Canvas*. Seguido da apresentação em formato *Pitch*, que é uma apresentação sumária de 3 a 5 minutos com objetivo de despertar o interesse da outra parte (investidor ou cliente) pelo seu negócio, assim, deve conter apenas as informações essenciais e diferenciadas. Cabe acrescentar que o *pitch* deveria ser apresentado tanto verbalmente quanto ilustrado por 3 a 5 slides.

Esta atividade é contundente para a perspectiva da educação empreendedora, pois incentiva os discentes a participarem de um processo desafiador, que exige criatividade, planejamento e organização. Além disso, essa tarefa enquadra-se nas etapas do CAV, que segundo o SEBRAE (2016), possuem potencial para estimular o desenvolvimento de competências empreendedoras. Essas colocações reforçam o exposto por Lopes (2010), afirmando que a educação empreendedora é distinta do ensino tradicional, por priorizar mais a atividade do próprio aluno, estimulando a imaginação e a análise, preparando-o para que possa superar os desafios que fazem parte do processo empreendedor (LOPES, 2010).

Aprendendo a empreender: nessa fase, os alunos foram desafiados a elaborarem um plano de negócios, considerando que o mesmo é o produto final exigido pela ementa da disciplina de empreendedorismo. Os discentes foram orientados a desenvolver uma ideia de negócio, viável e aplicável no contexto em que estão inseridos.



RELISE

156

Contudo, cabe ressaltar que, por se tratar de uma disciplina ofertada para discentes do 3º semestre, muitas informações necessárias para a construção do plano de negócios ainda não haviam sido repassadas. Com essa justificativa, foi implementado o projeto de Mentoria, que consistia no apoio, em formato de *mentoring*, de alunos formandos do 8º semestre do curso de Administração. Cada aluno formando tinha a missão de orientar e ajudar uma equipe na construção do plano de negócios. Os planos de negócios seguiram o modelo SEBRAE e foram elaboradas com o auxílio do *Software* de Plano de Negócios desenvolvido pelo SEBRAE de Minas Gerais. Além disso, cada equipe recebeu uma avaliação e *feedback* de profissionais e consultores do SEBRAE.

Assim sendo, ocorreu uma interatividade entre as turmas de semestres distintos o que proporcionou a busca de conhecimento de modo transversal, interdisciplinar e integrado. Diante dessa perspectiva, considera-se as pesquisas de Araújo *et al.* (2014) e Guimarães (2015), que confirmaram existir nos cursos de Gestão de Negócios, um grande afastamento entre teoria e prática. Por esse ângulo, observa-se que construir o Plano de Negócio como atividade para disciplina de Empreendedorismo proporcionou aos alunos a vivência por meio da prática, despertando habilidades e competências empreendedoras, instigando-os a explorar mais seus conhecimentos e ampliar a sua percepção sobre o que é empreender.

Rocha e Freitas (2014) afirmam que o plano de negócio é um recurso capaz de desenvolver aptidões para planejar e mensurar riscos de um negócio pretendido. Além disso, motiva o aluno na criação de uma nova empresa, estimulando a identificação de competências, como habilidades de liderança e tomada de decisão. Rideout e Gray (2013) e Salusse e Andreassi (2016) completam afirmando que o empreendedor vai sendo formado à medida em que o aluno avança na construção da sua ideia de negócio.



RELISE

157

Outro aspecto que destacou-se foi a oportunidade de promover a interdisciplinaridade, fator esse que deve ser considerado como benéfico, pois conforme revela Schaefer e Minello (2016), para que as universidades tenham êxito na formação empreendedora, é de suma importância canalizar esforços para que esse ensino além de integrado, harmonizado e transversal, seja transmitido também de forma interdisciplinar. Complementando com o exposto por Lima *et al.* (2014), deve haver um equilíbrio da teoria e a prática, sempre privilegiando o desenvolvimento de competências empreendedoras (LIMA *et al.*, 2014).

Empreendedor em ação: para finalizar, a última etapa sobre ensinar empreendedorismo contou com a realização da I Feira de Negócios do ICSA, seguindo o modelo da Feira do Empreendedor do SEBRAE. Nessa fase, as equipes apresentaram seus planos de negócios em formato de *stand*. O objetivo principal centrou-se na exposição das ideias de negócios a toda comunidade acadêmica. Foi perceptível que essa atividade estimulou a criatividade, proatividade e inovação, tornando assim um método complementar para difundir a cultura empreendedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse relato técnico teve como objetivo apresentar a educação empreendedora como alternativa inovadora no ensino do empreendedorismo no ICSA/UNIFESSPA, das quais foram propostas um conjunto de ações aos alunos de Administração e Ciências Contábeis, permitindo-os a aprendizagem de maneira experimental, integrada, interdisciplinar e transversal. Nessa direção, o ensinar a empreender surgiu em detrimento do ensino tradicional, equilibrando a teoria e prática, privilegiando o desenvolvimento de competências empreendedoras, por meio de aplicação de metodologias ativas distintas.



RELISE

158

Tendo em vista isso, os resultados obtidos por meio da metodologia aplicada foram satisfatórios e estimulantes, não restringindo somente a conceitos máximos, mas impactando positivamente na formação profissional do aluno, bem como, desenvolvendo e despertando competências e habilidades contundentes com a vivência empreendedora. Foi possível identificar também que o método supracitado proporcionou aprendizagem mútua, fazendo com que fosse um ensino mais prático, dinâmico e interativo, pelo qual o professor assumiu a função de facilitador desse processo de aprendizagem, promovendo interação, autonomia, transformando a sala de aula em um laboratório de conhecimento.

Cabe destacar que as atividades desenvolvidas foram de extrema importância para o alcance de tal resultado, pois além de facilitar aprendizagem, aproximou a teoria à prática. Essa lacuna é latente e faz com que surja uma necessidade proeminente de adequação das Instituições de Ensino Superior ao método da educação empreendedora, visto que esse afastamento cria deficiências na formação profissional do aluno, tornada precária sua realidade no mercado. Dessa forma, considerando que as universidades são os grandes centros de fomento do conhecimento, atentar-se ao método que tem como objetivo principal ensinar empreendedorismo é plausível e essencial.

Diante disso, esse trabalho possui uma contribuição científica relevante, pois apresenta metodologias de ensino para o empreendedorismo, baseadas na teoria do *effectuation*, o que poderá despertar os docentes para novos processos educativos contemporâneos, assim como, aumentar a propensão dos discentes para empreender, o que influenciará as transformações econômicas, políticas, científicas e tecnológicas do contexto em que esses alunos estão inseridos.



RELISE

159

REFERÊNCIAS

ALVES, W. M.; SILVA, G. L. R.; PROTEL, R. M.; ALBINO P. M. B. Avaliação do Ciclo de Aprendizagem Vivencial em uma Cooperativa Agropecuária. *Revista ELO–Diálogos em Extensão*, v. 5, n. 1, 2016.

BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. Empreendedorismo: Conceitos e definições. *Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia*, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BIANCOLINO, C. A., KNISS, C. T., MACCARI, E. A., & RABECHINI Jr, R. Protocolo para elaboração de relatos de produção técnica. *Revista de Gestão e Projetos - GeP*, p. 294-307. 2012.

BIZZOTTO, C. E. N. DALFOVO, O. Ensino de empreendedorismo: uma Abordagem vivencial. *Anais do II EGEPE*. Londrina – Paraná – 11/2001.

BLANK, S.; DORF, B. **The startup owner’s manual: the step-by-step guide for building a great company**. Pescadero, CA: K&S Ranch Publishing. 2012.

CARDOSO, A., M. **Educação empreendedora: métodos alternativos de ensino e aprendizagem para formação do empreendedor**. Dissertação de Mestrado Faculdade Campo Limpo Paulista, SP: FACCAMP, 2017.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: Práticas e princípios**. Ed. ver. São Paulo, Cengage Learning, p. 400, 2017.

DOLABELA, F. **O segredo de Luisa**. Uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa. São Paulo: Cultura, 2006.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

HOLCOMB, T. R.; IRELAND, R. D.; HOLMES Jr, R. M.; HITT, M. A. Architecture of entrepreneurial learning: exploring the link among heuristics,

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 3, n. especial, p. 139-163, dez, 2018
ISSN: 2448-2889



RELISE

160

knowledge, and action. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 1 p. 167-192, jan. 2009.

HENRY, C.; HILL, F.; LEITH, C. Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? part 1. *Education + Training*, v. 47, n. 2, p. 98-111, 2005.

HENRIQUE, D. C; CUNHA, S. K. De empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e Internacionais. **Revista de Administração Mackenzie** . v 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

ISMAIL, A. B. T.; SAWANG, S.; ZOLIN, R.. Entrepreneurship education pedagogy: teacher-student-centred paradox. **Education + Training**, v. 60 n. 2, p.168-184, 2018.

KRAKAUER, P. V. C.; SANTOS, S. A. D.; ALMEIDA, M. I. R. Teoria da Aprendizagem Experiencial no Ensino de Empreendedorismo: Um Estudo Exploratório. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 101-127, 2017.

KOLB, D. A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. New Jersey: Prentice Hall. 1984.

LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

LORENTZ, M. H. N. **O comportamento empreendedor de diretores da UFSM e sua percepção quanto à universidade empreendedora**. 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Administração. 2015.

LACANALLO, L. F., SILVA, S., OLIVEIRA, D. E. M. B., GASPARIN, J., TERUYA, T. (2007). Métodos de ensino e de aprendizagem: uma análise histórica e educacional do trabalho didático. **VII Jornada do Histedbr - O trabalho didático na história da educação**. 2007.

LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.



RELISE

161

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. **Journal of Small Business Management**, v.53, n. 4, p. 1033–105, 2015

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MALACARNE, R; BRUNSTEIN, J; BRITO, M. D. Formação de Técnicos Agropecuários Empreendedores: O caso do IFES e sua participação na OBAP. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, p. 20-41, 2014.

MENDES, M. T. T. **Educação Empreendedora**: uma visão holística do empreendedorismo na educação. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia. Lisboa, 2011. 288 p.

MINTZBERG, H. Patterns in strategy formation. **Management Science**, v. 14 n. 9, 934-948, 1978.

NECK, H. M.; GREENE, P. G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of Small Business Management**, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2011.

NEUMAN, L. W. **Social research methods: qualitative and quantitative approaches**. Boston: Allyn & Bacon, 1997.

OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. **Business model generation**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc. 2010.

POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 3, p. 399-424, jul. 2005.

RUSKOVAARA, E.; HAMALAINEN, M.; PIHKALA, T. HEAD teachers managing entrepreneurship education e Empirical evidence from general education. **Teaching and Teacher Education**. v. 55, n. 1, p. 155-164, 2016.

RIDEOUT, E. C.; GRAY, D. O. Does entrepreneurship education really work? A review and methodological critique of the empirical literature on the effects of



RELISE

162

university-based entrepreneurship education. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p. 329-351. 2013.

ROCHA, E. L. C., FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v.18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, Jul. /Ag

SALUSSE, M. A. Y.; ANDREASSI, T. O Ensino de Empreendedorismo com Fundamento na Teoria Effectuation. *Revista de administração contemporânea*, v. 20, n. 3, p. 305-327, junho de 2016.

SEBRAE. **Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora, Relatório da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora**. Org. Carlos Arruda, Ana Burchart e Michele Dutra. SEBRAE – MG, 2016.

SKINNER, B., F. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: HERDER, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1972.

SILVA, J. F.; PENA, R. P. M. O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017.

SILVA, F. C.; MANCEBO, R. C.; MARIANO, S. R. H. Educação Empreendedora como Método: O Caso do Minor em Empreendedorismo Inovação da UFF. *REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017.

SARASVATHY, S. D. Causation and effectuation: toward a theorial shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. **Academy of Management Review**, v. 26 n. 2, p. 243-263. 2001.

SARASVATHY, S. D.; VENKATARAMAN, S. Entrepreneurship as method: Open questions for an entrepreneurial future. *Entrepreneurship theory and practice*, v. 35, n. 1, p. 113-135, 2011.

SCHAEFER, R; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Pensamento contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro. v. 10, n. 3, P. 60-81, jul./set. 2016.



RELISE

163

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas, e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

UNCTAD Secretariat (2015). **Division on Investment and Enterprise: Results and Impact – Report 2015**, United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva.

VANEVENHOVEN, J. Advances and Challenges in Entrepreneurship Education. **Journal of Small Business Management**, 2013.

VIEIRA, S. F. A.; MELATTI, G. A.; OGUIDO, W. S.; PELISSON, C.; NEGREIROS, L. F. Ensino de empreendedorismo em Cursos de Administração: um levantamento da realidade brasileira. *Revista de Administração FACES Journal*, v. 12, n. 2, p. 93-114, 2013.

YUSOFF, M. N. H. B.; ZAINOL, F. A.; IBRAHIM, M. D. B. *Entrepreneurship Education in Malaysia's Public Institutions of Higher Learning: a review of the current practices*. **International Education Studies**, v. 8, n.1, p. 17-28. 2015.